



O IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS SOBRE OS FENÔMENOS NATURAIS AMAZÔNICOS: UMA ANÁLISE DOS DESENHOS INFANTIS

Gyane Karol Santana Leal, Evelyn Lauria Noronha

*Universidade do Estado do Amazonas - UEA/ CESP, E-mail: gyanekarol26@hotmail.com,
evelynlaurianoronha@hotmail.com*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo compreender como as crianças ribeirinhas de uma escola rural localizada no município de Parintins - Amazonas formavam conhecimentos de ciências por meio de suas vivências nos espaços de sua comunidade, especialmente no que se refere aos fenômenos da natureza por meio da análise de seus desenhos. Para tanto, buscamos fundamentação em autores como: Sarmiento (2003), Fraxe (2007), Almeida (2009), Kramer (2010), Silva, Pasuch e Silva (2012) e outros. Em pesquisa com crianças faz-se necessário o uso de metodologias que fazem das crianças participantes de todo processo de investigação. Os sujeitos foram treze crianças na faixa etária de 3 a 5 anos e a professora da turma de Educação Infantil. Os dados foram construídos por meio da interação com os sujeitos, observação participante com registro no diário de campo e análise de desenhos. Concluímos que as crianças formam conhecimentos científicos por meio de suas vivências no cotidiano, na interação com seus pares e no contato direto com os múltiplos espaços da comunidade onde estão inseridas.

Palavras-chave: Crianças, Educação Infantil, Ciências.

Introdução

Parintins é a segunda cidade do Estado do Amazonas em desenvolvimento econômico e populacional, localiza-se na microrregião do Baixo Amazonas, situada à margem direita do Rio Amazonas, na divisa com o Estado do Pará. Sua sede está assentada sobre a Ilha Tupinambarana, distante da capital do Estado - Manaus - cerca de 369 km em linha reta. Localizada na cidade de Parintins, a Comunidade do Aninga, foi o local escolhido

para a realização desta pesquisa que permite a inserção de uma proposta pedagógica que valorize cada vez mais estes aspectos primando pela participação e valorização da criança ribeirinha e suas interações com as outras crianças, com os adultos e com os conhecimentos presentes neste espaço. Compreendemos que a comunidade do Aninga constitui-se esse espaço não formal amazônico com potencialidades acentuadas para que as mais diferentes temáticas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

envolvendo o ensino e aprendizagem de ciências sejam exploradas, por exemplo: estudos da fauna e da flora, o uso das plantas medicinais, manifestações culturais e religiosas, a importância dos recursos hídricos, conservação do meio ambiente, desmatamento, mudanças da paisagem, fenômenos da natureza, enfim todos os conteúdos da proposta curricular da escola são passíveis de conexão com o cenário. Souza (2013) nos diz que esses espaços são propícios para a (re) construção de conhecimentos partindo da relação entre pais e filhos através da oralidade perpassando de geração em geração e por meio da observação e prática de atividades da vida diária na comunidade.

Assim, escolhemos a escola da comunidade como *locus* da pesquisa por estar localizada em meio a inúmeras riquezas que nos permitiria estabelecer relações plurissignificativas entre os conhecimentos advindos da comunidade e conhecimentos escolares, percebendo-se a existência de interdependência entre ambos.

A criança no Amazonas e sua interação com a natureza

Existe a necessidade de valorizar a criança, principalmente, a criança da região do Amazonas, formada em grande parte por indígenas e ribeirinhas que se concentram na

maioria das vezes em comunidades ou áreas rurais. Os ribeirinhos possuem características tradicionais dos povos que moram próximos aos rios amazônicos. Dentre suas principais atividades econômicas podemos citar: o extrativismo vegetal, a pesca artesanal, criações de animais de pequeno e médio porte e o cultivo de pequenas lavouras [conhecidos como roçados] para a própria subsistência, algumas vezes, também comercializam servindo como fonte de renda familiar. Segundo Silva, Pasuch e Silva (2012, p. 63):

Os povos ribeirinhos possuem uma forma de organização social aonde o principal meio de transporte é fluvial. A relação entre eles e os rios não se restringe à utilização como meios de locomoção. Fazem parte dessa rotina também o cultivo contínuo da região da várzea no período da seca, a pesca e os banhos de rio.

Os povos ribeirinhos cercados pela Floresta Amazônica possuem características e histórias próprias. Estes povos são sujeitos com personalidade forte, são capazes de superar as adversidades presentes no cotidiano amazônico, dentre os quais podemos citar os fenômenos naturais, que compreende o período de seca e a cheia dos rios. Ainda temos muito que conhecer e desvendar sobre a vida das crianças nos mais distintos espaços amazônicos. Devemos destinar às crianças um novo olhar, compreender que são sujeitos sociais que constroem história.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Diante disso, é preciso refletir acerca das crianças não apenas como alvo dos desejos e intervenção dos adultos, mas com alguém que é capaz de falar sobre o que pensa acerca do mundo que a rodeia.

As relações da criança com a ciência nos espaços amazônicos

As crianças da Educação Infantil possuem capacidade das crianças em produzir e construir conhecimentos. Estudos nos orientam que devemos trabalhar ciências com as crianças desde a mais tenra idade, pois já trazemos desde o berço a ciência intuitiva e elas são reconhecidas como ‘pequenas cientistas’, ou seja, são curiosas por natureza (POZO e CRESPO, 2009).

Valorizar a curiosidade da criança é fundamental para que esta se interesse pela ciência, em conhecer os fenômenos do mundo. Essa valorização perpassa pelo escutar a fala das crianças, em respeitar seus questionamentos, em tentar responder suas indagações ou mesmo incentivá-las a buscar respostas em diversos contextos, assim, irão desenvolvendo conhecimentos acerca de ciências. Nesse sentido, podemos dizer que: “A criança produz saberes e conhecimentos sobre as experiências quotidianas nas quais participa” (ALMEIDA, 2009, p. 70-71). Elas têm o direito de conhecer, experimentar, explorar e vivenciar seu mundo de diferentes

maneiras, não importando a idade. Fuentes (2012) também expõe que a ciência deve ser ensinada desde os primeiros anos de vida, deve provocar um encontro com o desconhecido, convidando a criança a navegar num mundo que ainda é desconhecido, isso significa dizer que o ensino das ciências irá despertar nelas o desejo de descobrir o que ainda lhe é ignorado.

Nesse sentido, compreendemos que nas comunidades rurais a escola tem um papel fundamental, pois existe uma crença de que a instituição possui uma missão transformadora da realidade social, nesse sentido, entre escola e comunidade busca-se o fortalecimento da interação. Conforme Silva, Pasuch e Silva (2012, p. 46) “no campo, a família é extensa, a comunidade educa de forma compartilhada”. Por isso, é preciso respeitar as diversidades da escola e da comunidade é fundamental conhecer e valorizar a educação de locais distantes dos grandes centros.

Metodologia

A pesquisa foi uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos (SANDÍN ESTEBAN, 2010). O enfoque



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

qualitativo nos permitiu penetrar nos fenômenos da pesquisa, fornecendo uma compreensão e diálogo com a realidade, valorizando e respeitando os sujeitos, os contextos, as instituições educativas e sociais presentes no campo de investigação a fim de que pudéssemos construir conhecimentos e contribuir positivamente com os sujeitos sociais no âmbito da pesquisa.

O método de pesquisa foi do tipo etnográfico, visto que é o mais adequado para se trabalhar com a temática sob investigação. De acordo com André (2012) a etnografia associada ao âmbito escolar ganha uma conotação diferenciada, pois faz uso de técnicas específicas como a observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos. Dentre outras características prima pelo significado atribuído pelas pessoas acerca do mundo permitindo uma aproximação do pesquisador com as pessoas e os locais de pesquisa por um período de tempo prolongado.

Graue e Walsh (2003) nos dizem que nas investigações com crianças existe a necessidade de considerar, primeiramente, o contexto em que elas estão inseridas. O pesquisador deve considerar dimensões como proximidade que lhes permitirá uma interação com as crianças por um período prolongado de tempo, a descrição das observações obtidas

no contexto de estudo e sua teorização/avaliação.

Os sujeitos da pesquisa foram treze (13) crianças, estudantes da Educação Infantil (TURMA AGREGADA), na Escola Municipal Santa Terezinha do Aninga, cuja faixa etária era de três a cinco (03 a 05) anos, de ambos os sexos e mais a professora regente da turma, atuando como sujeito secundário. As crianças da escola foram os principais sujeitos da pesquisa. Pois as consideramos como sujeitos sociais, através de sua interação com as outras crianças, na cultura de pares e com os adultos, através da alteridade, para construir a cultura de infância. Para a realização do levantamento foi solicitada a autorização dos pais e/ou responsáveis dos sujeitos.

Em pesquisas que envolvem crianças pequenas precisamos ter o máximo de cuidado com as questões éticas, por isso, nos preocupamos com os nomes que seriam apresentados na análise do material trabalhado. Solicitamos que as crianças mesmo escolhessem os nomes que desejassem identificá-las na pesquisa, que fossem nomes fictícios, mas também, significativos para elas, pois “A significação dos nomes e aquilo que está presente também no imaginário infantil mereceriam uma análise mais detalhada e aprofundada” (KRAMER, 2002,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

p. 48).

Realizar pesquisas com crianças é importante, pois são sujeitos sociais autônomos, capazes de construir conhecimentos e produzir cultura através de suas vivências em diferentes espaços e na interação com outras crianças e com os adultos. É preciso dar visibilidade as crianças em nossas pesquisas, ouvir o que elas dizem a respeito de suas representações quanto a realidade social que as cerca.

Resultados e discussão

Com a finalidade de saber quais os conhecimentos das crianças acerca dos fenômenos da natureza realizamos uma oficina de desenho com a temática da chuva para que elas mostrassem os significados deste fenômeno da natureza para elas e para a sua comunidade. A oficina teve dois momentos, o primeiro foi a pintura com tinta guache de uma ilustração da chuva e o segundo momento foi o desenho livre.

O dia estava ensolarado e depois das dez horas as chuvas caíam, pois no mês de maio era o período de chuvas abundantes na região. As crianças olhavam pela janela e verificaram que estava se formando um temporal e ouviam muitas trovoadas e começamos a conversar sobre o que estava ocorrendo lá fora. Através do diálogo percebemos a compreensão das crianças acerca da chuva e que as cores das nuvens sinalizam esse

evento. O que chamou atenção foi a fala de “Saturno” (05 anos) quando deu sua opinião de onde vinha a chuva: *“Vem do Deus que está chorando”*. As crianças deixam transparecer em suas falas suas vivências, suas relações culturais e suas crenças religiosas. Talvez aprendam na sua religião que Deus está no céu, logo é Ele quem está mandando a chuva, porque tudo que vem do céu vem de Deus.

Wagley (1988) em seus estudos a respeito das comunidades amazônicas comenta as explicações mágicas dadas pelos antigos acerca dos fenômenos naturais. “A chuva tinha origem sobrenatural [...] empregava-se fórmulas mágicas e orações para conseguir chuva necessária às colheitas. [...]” (WAGLEY, 1988, p. 217).

Esses tipos de conhecimentos, oriundos das populações tradicionais e indígenas, nossos ancestrais, ainda estão bem nítidas na cultura dos dias atuais, na região amazônica.

Enquanto conversávamos, algumas crianças estavam se levantando da cadeira e queriam falar todos de uma só vez, conseqüentemente, não estávamos conseguindo nos entender.

Nessa hora, a professora entrevistava dizendo que era para elas falarem uma de cada vez, a fim de que pudéssemos entender o que os outros estavam falando. Elas atendiam e falavam uma de cada vez, mas com o passar do tempo tumultuava novamente (FIGURA 01).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



Figura 01 - Crianças na atividade de pintura com tinta guache.

Fonte: Leal, 2014.

Naquele dia as crianças cantaram uma música, cuja letra falava sobre a chuva: “*O guarda-chuva abre quando está chovendo. O guarda-chuva fecha, o sol apareceu*” (Autor desconhecido).

Através das conversas no decorrer da atividade elas revelaram a utilidade da chuva nas suas brincadeiras como “jogar bola” e “tomar banho” na chuva, depois apresentaram outras utilidades, no caso, para molhar as plantas e capim. As crianças têm a capacidade de imaginar e criar inúmeras possibilidades para fazerem o que mais gostam.

Conforme Nazaré Carvalho (2010, p. 34):

A criança ribeirinha no seu ato de brincar se relaciona real e imaginariamente com o rio, a floresta, elementos permanentes na sua vida e que são fundamentais para sua ludicidade. Ao viver essa relação simbólica, a criança cria e recria sua realidade, brinca e relaciona com ela, mostrando-nos que faz parte de um mundo, onde o rio e a floresta se constituem em sua rua, seu quintal, seu parque de diversões e seu próprio ser.

Através de suas falas percebemos seu imaginário expresso por meio de suas

brincadeiras e interações com a realidade. Essas relações da criança com o mundo permite-nos uma compreensão do imaginário infantil em diferentes contextos que contribuem com o processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, por meio de contexto social e cultural que forneça as condições e as possibilidades para que esse processo se realize (SARMENTO, 2003). Nesse contexto, as crianças dispunham destes estímulos.

Enquanto estavam pintando o trabalho começaram a perceber que estava chovendo lá fora. Ao final da atividade a professora fez uma exposição dos trabalhos das crianças no mural da sala de aula. Foi notório o entusiasmo no decorrer dessa atividade, especialmente ao misturar as cores brancas e pretas para formar a cor cinza para pintar das nuvens de chuva.

No segundo momento da oficina pedimos que fizessem um desenho livre sobre o dia de chuva. Nossa finalidade era compreender o que as crianças sabiam acerca da chuva e sua utilidade para a vida na comunidade.

O desenho de Chuva (FIGURA 02) retratou a importância das chuvas no seu dia-a-dia:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

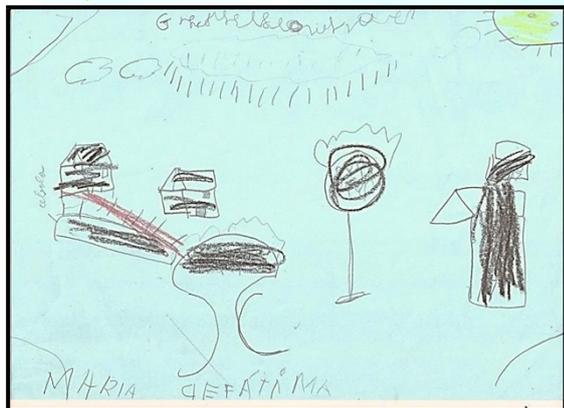


Figura 02 - Oficina de desenho: “Um dia de chuva”.
Fonte: Chuva, 2014.

“A chuva está molhando a cebolinha. Lá em casa, tem cebolinha, tem plantações”
(CHUVA, 05 anos).

O seu desenho retrata de maneira fiel a utilização das chuvas no seu dia-a-dia, especialmente para regar as plantações. Vale lembrar que na maioria das residências da comunidade existia uma horta. Alguns moradores utilizavam a agricultura como fonte de subsistência e também a comercializavam com a finalidade de ajudar na renda da família. A esse respeito Fraxe (2007, p.86) contribui dizendo:

Os agricultores familiares manejam uma diversidade de espécies vegetais e animais numa mesma unidade de terra, que são utilizados tanto para subsistência, quanto para a comercialização, racionalizam o espaço que está sendo utilizado para cada tipo de cultivo[...] distinguem os vários tipos de ambientes e suas peculiaridades para a preparação das áreas agrícolas.

A convivência e cuidado com agricultura é significativa para essas crianças. Na área externa da escola também existia uma horta, resultado de uma ação do Programa Mais

Educação, desenvolvido pelas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. As crianças observaram todo o processo de construção dos canteiros, plantio das sementes e germinação das hortaliças que eram utilizadas na merenda escolar. O desenho de Saturno (FIGURA 03) sobre a chuva apresentou outros elementos que fez questão de enfatizar em sua interpretação.



Figura 03 - Oficina de desenho: “Um dia de chuva”.
Fonte: Saturno, 2014.

“Eu desenhei uma casa, um vaso de planta, a nuvem de chuva, raio, lago com peixe. A água da chuva caía da nuvem e vai para baixo da terra e enche o rio, e tem peixes. Tem um raio e trovão. É Deus que está ralhando” (SATURNO, 05 anos).

A criança demonstra claramente suas noções sobre o Ciclo Hidrológico, descrevendo todo seu percurso da água na natureza, só não considerou a evaporação. Outra situação interessante foi sua fala a respeito do raio e trovão, quando disse: “É Deus que está ralhando”. Essa expressão manifesta os costumes utilizado por pessoas mais velhas, as quais imputam a autoridade de suas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

palavras aos mais jovens ao repreendê-los por meio de metáforas. Assim, os trovões significam que Deus está zangado e deve ser obedecido, a fim de imprimir nas crianças bons comportamentos. Segundo Fraxe (2007, p. 94):

O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a sua organização social em um sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais.

Os nossos antepassados acreditavam no Deus-Tupã, o senhor do trovão. Por isso, os pais também usavam essas explicações para os fenômenos da natureza. Em algumas situações falavam isso por não saberem como explicar ou por terem ouvido de seus pais essa explicação para este fenômeno da natureza. “Como não é todo problema ou fenômeno que as crianças conseguem explicar - assim como nem os adultos”. (CARVALHO *et. al.* 2009, p.11). Nas comunidades ribeirinhas alguns saberes ensinados de uma geração a outra pela tradição oral acabam se perpetuando como algo verdadeiro.

Por meios de seus desenhos as crianças relataram a utilização da chuva no seu dia, servia para molhar a horta caseira, as plantas, o capim e as árvores, enchiam os rios. Elas disseram que gostavam de tomar banho e jogar bola na chuva. “O cotidiano e as falas das crianças representam muito mais do que

uma simples reprodução da realidade [...] elas re-significam, reinventam as coisas e dão sentido peculiar as suas formas de entender o mundo e o lugar onde moram” (MUBARAC SOBRINHO, 2011, 148)

Os desenhos, as vozes, o silêncio revelaram os sentimentos mais íntimos das crianças envolvidas no estudo. Revelaram suas vivências e experiências na sua comunidade, local onde interagem com a natureza e demais pessoas.

Os desenhos são artefactos sociais, isto é, testemunhos singulares de uma cultura que se exprime na materialidade dos produtos em que se comunica. O grafismo infantil adquire a complexidade e a densidade da sua capacidade comunicativa pelo facto de incorporar, na verdade, uma imbricada articulação de várias fontes de produção cultural, sendo, ademais, um dos pontos afirmativos da condição geracional da produção cultural (SARMENTO, 2011, p. 36)

Por meio de seus desenhos pudemos notar essas considerações. Assim, vão construindo e relacionando seus conhecimentos do cotidiano aos conhecimentos de ciências. Noronha (2010), diz que fazer ciência é algo complexo, mas quanto se trata da perspectiva da Sociologia da Infância essas complexidades se ampliam, uma vez que a ciência não é como um “cristal transparente”, não dá conta de desvendar totalmente o real.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Os desenhos produzidos pelas crianças conquanto produção simbólica revelaram a capacidade interpretativa das culturas infantis presentes nesse determinado contexto social. São capazes de manifestar aspectos importantes acerca da compreensão da ciência que as crianças trazem do seu cotidiano numa perspectiva interdisciplinar.

Considerações Finais

Através deste estudo percebemos que as crianças demonstraram seu pertencimento e identidade cultural formatados na comunidade e puderam expressar com liberdade os seus conhecimentos, por meios de seus desenhos, de seus relatos, de seus silêncios, de suas brincadeiras e de suas crenças, construídas e compartilhadas por seus familiares e pessoas mais antigas de sua vivência comunitária.

O desenho constitui-se uma das formas mais eficazes de expressão simbólica. Mostra-se fundamental para possibilitar a apreensão, representação, visão do mundo pela criança, que ainda não dispõe dos mecanismos mais complexos da linguagem. Os desenhos, porém, apontaram que as crianças da comunidade do Aninga sabiam muito a respeito de ciência, porquanto, não tendo os conceitos científicos delineados ou sistematizados. Isso nos levou a compreender que aquelas crianças formavam

conhecimentos de ciências por meio de suas vivências nos espaços de sua comunidade, no convívio diário com os elementos da natureza, com a interação com seus pares e com os adultos, o que nos permitiu construir registros a partir das suas vozes. Os registros indicam que seus saberes e representações estavam relacionados às observações de fenômenos naturais.

As crianças do Aninga deixaram transparecer suas crenças e religiosidade quando expressaram que “*Deus está ralhando*” ou ainda, “*Deus está chorando*”, forma de conectar fenômenos da natureza a saberes socialmente construídos. Suas falas nos levaram a reflexão de que devemos respeitar esses conhecimentos provenientes da cultura popular.

Assim, mesmo aquelas crianças que não quiseram comentar sobre o que tinham desenhado, suas ilustrações constituíram a forma de expressão e relevaram suas vivências.

Referências

ALMEIDA, Ana Nunes de. **Para uma sociologia da infância**: jogos de olhares, pistas para a investigação. Lisboa: ICS. 2009.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18^a ed. Campinas: Papyrus, 2012.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CARVALHO, Ana Maria Pessoa de. (org.), **Ciências no Ensino Fundamental: o conhecimento físico.** São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, Nazaré Cristina. **Saberes do cotidiano da criança ribeirinha.** Revista Cocar. Vol.4, n.8, 2010.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.** Manaus: EDUA, 2007.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. **Investigação Etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética.** Fundação Calouste Gulbenkian- Lisboa, 2003.

KRAMER, Sônia. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças.** Cadernos de Pesquisas, n. 116, p.41- 59, julho/ 2002.

MUBARAC SOBRINHO, Roberto Sanches. **Vozes Infantis Indígenas: as culturas escolares como elementos de (des) encontros com as culturas das crianças Sateré-Mawé.** Manaus: Valer, 2011.

NORONHA, Evelyn Lauria. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras - perambulantes nas feiras de Manaus: um olhar a partir da Sociologia da Infância.** Universidade do Minho-Portugal, 2010.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Angel Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico.** 5. ed. Porto alegre: Artmed, 2009.

SANDIN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa em educação: fundamentos e tradições;** trad. Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e Culturas da Infância.** Cadernos de Educação. FaE/UFPel, Pelotas(21), 51-69, jul/dez., 2003.

_____. **Conhecer a Infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas.** IN: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline; SILVA, Juliana Bezzon da. **Educação Infantil do Campo.** São Paulo: Cortez, 2012.

SOUZA, José Camilo Ramos de. **A Geografia nas escolas das comunidades ribeirinhas de Parintins: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos.** Trad. Clotilde da Silva Costa. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.